

"A ética já foi pro espaço há muito tempo, mas não fui eu que mandei essa ética pro espaço"

A Crítica



Empresário denuncia esquema de corrupção e admite que foi, durante dois anos, testa-de-ferro de empreiteira da família do governador Amazonino Mendes

No sábado, Fernando Bomfim concedeu essa entrevista ao repórter do *Correio* e à repórter Mônica Gugliano, do jornal *O Globo*, onde confirma que serviu de testa-de-ferro para a Econcel, da família do governador Amazonino Mendes. A seguir, trechos editados da entrevista:

Correio — O sr. foi proprietário de 70% da empreiteira Econcel, entre abril de 1995 e abril de 1997, mas não era o verdadeiro dono da empresa.

Fernando Bomfim — Eu estava ali, na realidade, emprestando o nome porque houve um problema de confiança na pessoa que detinha o controle da empresa...

Correio — Quem era essa pessoa?

Bomfim — É uma pessoa que eu não conheço. O nome é, se não me engano, Francisco Guimar. Então, a alteração contratual foi feita passando para o meu nome a partir dessa pessoa.

Correio — Quem era, na verdade, o dono da Econcel?

Bomfim — Eu não posso afirmar peremptoriamente quem são todos os donos da Econcel, mas realmente a família do governador (Amazonino Mendes), através de seu filho (Armando Clóvis Mendes), controlava essa empresa e eu acho que também o sr. Samuel Hannan (secretário de Fazenda do Amazonas) faz parte dessa empresa, porque ele, inclusive, indicou o *controller* da empresa, o sr. Júlio Cury. É gente dele, gente egressa da Paranapanema, gente que foi demitida da Paranapanema junto com ele, e essas pessoas quase todas ele tem levado para Manaus, para procurar alguma colocação para eles em Manaus. Então, eu acredito que o sr. Júlio Cury zele pelos interesses do sr. Samuel Hannan na empresa. Afinal de contas, Samuel deve ter participação, porque ele é quem paga as faturas das obras que a empresa executa.

Correio — O que o sr. ganhava para emprestar seu nome à Econcel?

Bomfim — Havia, evidentemente, alguma contrapartida de trabalho meu nesse caso e havia alguma remuneração, que eu não recordo exatamente nesse momento quanto seria.

Correio — Por que o sr. saiu da empresa?

Bomfim — Eu, desde que assumi a Companhia Energética do Amazonas (Ceam), manifestei o desejo de deixar a empresa, de sair do contrato social, se bem que não havia impedimento legal para um presidente da Ceam fazer parte de uma empresa que realizava obras para o estado. Havia a questão da ética. E o que aconteceu é que o contrato que a empresa assinou com o estado, que foi (sic) no caso as obras do (estádio de futebol)IVALDO LIMA, foi assinado antes de eu assumir a Ceam, em julho de 1995. Depois disso, a empresa, por exigência minha até, não pegou obra do estado. Ela trabalhava para outras entidades, prefeituras, essa coisa toda. Ela veio pegar novamente obras do estado agora, depois que eu saí.

Correio — Nem da prefeitura de Manaus?

Bomfim — Da prefeitura de Manaus, pegava.

Correio — Por que o sr. resolveu denunciar toda essa armação agora?

Bomfim — Eu estou há vários meses enfrentando uma luta muito grande contra a pessoa que eu acho que é o real governador do estado do Ama-

zonas, que se chama Samuel Hannan. Eu, por não ter concordado com propostas do sr. Hannan, lesivas aos interesses da companhia que eu dirigia (a Ceam), automaticamente ganhei a sua inimizade, juntamente com o seu fiel escudeiro, Adroaldo Moura da Silva, e passei a sofrer toda a sorte de armações, má vontade, bloqueio de verbas e até desvio de recursos da Ceam por parte da Secretaria de Fazenda, dirigida por Hannan.

Correio — O sr. fala de propostas lesivas. O sr. tem um exemplo?

Bomfim — Fazer compras de empresas encomendadas por ele e Adroaldo e assim por diante. Um monte de coisas que eu nunca concordei e, claro, eu passei a ser um obstáculo ao esquema financeiro deles. Eu vinha renunciando à Ceam há mais de seis meses, dizendo ao governador que eu ia sair da Ceam exatamente para lutar contra esse seu secretário, que na realidade é quem governa o Amazonas. Eu digo sempre: o governador de direito é um mero figurante. Depois que eu saí da Ceam passei a escrever contra essas coisas todas e confesso que, pela consideração que eu ainda tinha por Amazonino Mendes, cheguei a parar com a briga três vezes. Porque o Hannan parou minha vida empresarial, eu não posso negociar com empre-

sa nenhuma no estado. Minha vida é travada na Secretaria de Fazenda, e eu lutando contra isso. Por três vezes chegou-se a um armistício. Na realidade, eu estava cansado dessa briga, eu não queria continuar. Mas claro que eu só podia parar se as coisas do lado de lá parassem. Mas, para surpresa minha, tal é o poder de Hannan sobre o governador que, cada vez que o governador me convencia a parar,

nome do governador do estado, Amazonino Mendes, não o meu, porque o governo é dono de 99% dessa empresa. Até que — tenho certeza disso —, com o conhecimento do governador, Hannan passou a investir contra negócios dos meus familiares, que não têm nada a ver com meus negócios. E passou a atingir empresas, como o caso da empresa da minha ex-mulher, com que eu vivo novamente

serviço inestimável, não só ao Amazonas, como à Amazônia, mostrando para todo o Brasil quem é esse grupo que está dominando o estado e com ambições de ser líder de todos os governadores da Amazônia.

Correio — O sr. não se considerava parte desse grupo?

Bomfim — Eu nunca fui parte desse grupo. Eu prestei serviços a esse grupo, nunca me considerei parte, porque eu nunca compactuei. Pelo contrário, eu sempre fui a pessoa que externou a sua discordância com certas atitudes e métodos utilizados por esse grupo para fazer política. E essas opiniões eu as transmitia diretamente ao governador Amazonino Mendes. Agora, esta figura que hoje domina o governador, que é realmente quem manda no estado, Samuel Hannan, ela precisava de uma investigação mais apurada, inclusive das autoridades federais. Essa figura, eu já falei várias vezes em artigos meus, ela foi denunciada, juntamente com Adroaldo Moura da Silva, por um empresário norte-americano ao Banco Central e à Polícia Federal, pela utilização da empresa americana desse empresário para operações de remessa ilegal de dólares para o exterior. Eles pagaram para esse empresário inocentá-los. Eu não posso afirmar que Hannan e Adroaldo sejam culpa-

"TENHO CERTEZA QUE VOU PRESTAR UM SERVIÇO INESTIMÁVEL NÃO SÓ AO AMAZONAS, COMO À AMAZÔNIA, MOSTRANDO PARA TODO O BRASIL QUEM É ESSE GRUPO QUE ESTÁ DOMINANDO O ESTADO"

com a promessa de que do lado de lá também se parava, ele voltava com cargas maiores ainda, com armações maiores, plantando inverdades no meu cadastro na Secretaria da Fazenda, tais como eu ser dono da Companhia Energética do Amazonas, que deve R\$ 30 milhões, aproximadamente, de ICMS, e eu não poder negociar com o estado porque sou responsável pela Ceam. Se algum nome tinha de figurar pelo não pagamento de ICMS, é o

hoje, autuando-a em valores que ultrapassam em mais de 150% o patrimônio da empresa dela, uma empresa pequena. Agora é que eu vou responder por que eu resolvi lutar contra esse troço todo. Eu resolvi descer ao nível que eles desceram e utilizar armas do mesmo nível. É por isso que eu estou dando a vocês essa fita. Então, ao mesmo tempo que eu estou dando um troco na mesma moeda, tenho certeza que vou prestar um

dos das acusações que Barreto apresentou ao Banco Central e à Polícia Federal, mas eu não posso aceitar a tese dos inocentes que pagam para que a denúncia contra eles seja retirada. E esse pagamento foi feito, porque eu assisti ao acordo.

Correio — O sr. falou em ética anteriormente. O sr. acha que foi ético assumir uma empresa que não era sua e está sendo ético fazer essas denúncias agora?

Bomfim — Olha, a ética já foi pro espaço há muito tempo, mas não fui eu que mandei essa ética pro espaço. Foi o lado de lá que escolheu as armas. Eu confesso a vocês que em situações normais eu jamais me utilizaria de informações às quais eu tive acesso durante a minha convivência com o pessoal desse grupo. Mas eu comecei a encarar a possibilidade de utilizar o mesmo padrão de armas que eles utilizaram, a partir do momento em que eu comecei a receber ameaças à minha integridade física. Porque as ameaças à minha integridade financeira, elas foram não só feitas, como obtiveram sucesso. Esse grupo me prejudicou ao máximo. Os prejuízos que eu tive com as ações de Samuel Hannan são irreversíveis. E essas coisas todas foram feitas com o conhecimento do governador. Isso é uma coisa que realmente me deprime profundamente.

Correio — Se essa perseguição não tivesse acontecido, o sr. então nunca teria falado nada disso, embora isso não sendo ético...

Bomfim — Acho que não. Não vou querer dizer que falaria, não. Eu estaria cuidando da minha vida. Não vou querer dizer que eu iria bancar o Dom Quixote, se não tivesse sido forçado a isso.

Correio — O sr. não teme algum tipo de responsabilidade legal por sua participação nesses esquemas que o sr. está denunciando agora?

Bomfim — Não, porque eu participei realmente da empresa, tive alguma remuneração por isso, e o resto está aí nas fitas. O que eu ganhei está declarado ao Imposto de Renda, e pago.

Correio — Se o sr. tivesse de usar uma palavra, o sr. diria que era testa-de-ferro do governador, ou do filho dele, nessa empresa?

Bomfim — Seria talvez esse termo, mesmo. Pode até estar certo. Isso me dá uma certa vergonha, admitir esse troço, mas..., sendo autêntico como sou, eu não vou querer esconder o sol com a peneira. Eu tenho de assumir a minha parcela de culpa nisso também. Agora, o que eu ganhei está declarado, não sei o que eles ganharam, se declararam.

Correio — Essa foi sua única participação com esse grupo ou existiram outras?

Bomfim — Existiram outras, mas foram desfeitas. E ainda hoje existe uma empresa que não atua, não está fazendo nada. Eu tenho ainda hoje uma participação, mas só figurativa. Só para compor uma sociedade civil, que tem que ter duas pessoas.

Correio — Que empresa é essa e quem são essas pessoas?

Bomfim — As duas pessoas sou eu e o filho do governador. A empresa chama-se Line-X. Eu ainda faço parte, mas tenho uma participação figurativa, não tenho poder de gerência, não tenho nada. Esse caso não é testa-de-ferro. Ia ser uma empresa de revestimento. Eu não sei o que ele está fazendo nessa empresa.